



UNIVERSIDADE FRANCISCANA
Curso de Filosofia
Trabalho final de graduação

**O EXISTENCIALISMO SARTREANO: a doutrina otimista concebida como
pessimista**

KAUÊ DE SOUZA CARPES

SANTA MARIA
2022

KAUÊ DE SOUZA CARPES

O EXISTENCIALISMO SARTREANO: a doutrina otimista concebida como pessimista

Artigo científico apresentado ao Curso de Filosofia, da Universidade Franciscana (UFN), como requisito parcial para a aprovação na disciplina de Trabalho Final de Graduação II.

Orientadora: Profa. Dra. Letícia Machado Spinelli

Santa Maria, RS
2022

RESUMO

A partir da leitura e análise do texto *O existencialismo é um humanismo*, procuramos reconstruir a defesa de Sartre acerca de sua doutrina. O autor, na obra supracitada, se propôs a responder os questionamentos e as acusações ao existencialismo que foram realizadas sobretudo pelos cristãos e comunistas. Os acusadores em questão alegavam que o existencialismo se tratava de uma doutrina pessimista, concepção que Sartre rechaça, defendendo justamente o contrário. Para o filósofo francês, o existencialismo é uma doutrina fundamentalmente otimista. Assim, nosso objetivo é o de acompanhar Sartre em sua argumentação e analisar, detidamente, sua proposta e as implicações de sua doutrina, considerando o escopo das acusações recebidas e da defesa que empreendeu na obra *O existencialismo é um humanismo*. Para tanto, o delineamento metodológico deste trabalho se caracteriza como uma pesquisa bibliográfica.

Palavras-chave: existencialismo; Sartre; humanismo; Liberdade; responsabilidade.

ABSTRACT

Starting from the reading and analysis of the text *Existentialism is a humanism*, we tried to reconstruct Sartre's defense about his doctrine. The author, in the aforementioned work, set out to answer the questions and accusations against existentialism that were mainly made by Christians and communists. The accusers claimed existentialism was a pessimistic doctrine, a conception that Sartre rejects, defending precisely the opposite. For the French philosopher, existentialism is a fundamentally optimistic doctrine. Thus, our objective is to accompany Sartre in his argumentation and to analyze, in detail, his proposal and the implications of his doctrine, considering the scope of the accusations received and the defense he undertook in the work *Existentialism is a humanism*. Therefore, the methodological design of this work is characterized as a bibliographical research.

Keywords: existentialism; Sartre; humanism; Freedom; responsibility.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	5
2 “O HOMEM É CONDENADO A SER LIVRE” – O EXISTENCIALISMO SARTREANO	7
2.1 O existencialismo de Sartre	10
2.2 A existência precede a essência	13
3 A OBRA <i>O EXISTENCIALISMO É UM HUMANISMO</i> E AS ACUSAÇÕES SOFRIDAS POR SARTRE	17
3.1 As acusações dos comunistas	18
3.2 As acusações dos cristãos	21
4 CONCLUSÃO	30
REFERÊNCIAS	31

1 INTRODUÇÃO

Este trabalho visa reconstruir os argumentos utilizados por Sartre na obra *O existencialismo é um humanismo*, articulando uma defesa contra as acusações que foram realizadas, sobretudo, pelos cristãos e comunistas a respeito do existencialismo sartreano. As acusações podem ser resumidas a: o existencialismo defende a ignominia humana; defende o desespero e a desesperança; não leva a sério os mandamentos, induz ao relativismo e à gratuidade existencial. Considerando tais acusações, o existencialismo deve ser entendido como uma doutrina pessimista ou otimista? Nosso objetivo é apontar a natureza desses ataques e destacar suas inconsistências a partir dos argumentos sartreanos. Como bem destaca Ribeiro (2020, p. 1):

Observando tais críticas acima destacadas, percebe-se que, em última análise, o existencialismo é criticado por “acentuar o lado mau da vida humana”. Para além de qualquer intenção de apresentar o lado sórdido da vida humana, Sartre procura resgatar as verdadeiras dimensões humanas que ao longo da tradição metafísica haviam sido negadas. Deixa, com efeito, uma possibilidade de escolha ao homem. Não há nada pré-determinado do que o homem deve ou não fazer. Percebe-se, que Sartre tenta provar que o existencialismo é uma filosofia otimista. Não igual às outras que tratam o ser humano como feito e acabado. Defende que o existencialismo é um humanismo, pois deixa possibilidades ao ser humano. O homem não é pré-determinado, mas, sim, vai se constituindo.

Na primeira parte deste artigo, buscamos apresentar aspectos da origem e das implicações do existencialismo a partir do pensamento do dinamarquês Soren Kierkegaard, a fim de destacar algumas diferenças e semelhanças entre os dois tipos de existencialismo apontados por Sartre, a saber: cristão e ateu.

Posteriormente, serão abordadas as consequências do existencialismo ateu. Partindo do princípio de que, no caso do homem, a existência precede a essência, Sartre explora as consequências desse tipo de perspectiva e destaca que, não existindo um Deus criador, não existirá também uma natureza humana, nem algo como destino ou valores *a priori*. Desse modo, Sartre adverte que a existência humana e sua situação sobre o mundo é responsabilidade exclusivamente do homem.

Na sequência, acompanhando Sartre, exploraremos a condição humana fundamentada na liberdade situada. É importante salientar que a liberdade de Sartre se dá unicamente porque não existe um Deus criador ou um manual de instruções que concedam ao homem uma essência e um destino anteriores a sua existência no

mundo. Abordaremos, em um terceiro momento, alguns aspectos acerca do contexto em que a conferência *O existencialismo é um humanismo* foi produzida, bem como algumas de suas motivações.

Por fim, reconstruiremos as acusações realizadas pelos comunistas, assim como os argumentos de defesa trazidos por Sartre. A mesma estratégia será utilizada para analisar as acusações feitas pelos cristãos.

A partir das críticas que foram elaboradas, tanto pelos comunistas quanto pelos cristãos, concluímos que o existencialismo não deve ser confundido com uma doutrina pessimista. Na verdade, conforme os argumentos do próprio Sartre e do que o título de sua obra indica, entendemos que o existencialismo é um humanismo.

2 “O HOMEM É CONDENADO A SER LIVRE” – O EXISTENCIALISMO SARTREANO

Para iniciarmos a exposição, faremos um breve apanhado de alguns pressupostos relevantes para a compreensão da doutrina existencialista. De maneira geral, há dois tipos de existencialismo, a saber, o existencialismo cristão e o existencialismo ateu. Pretendemos, então, esclarecer ao leitor a gênese do existencialismo, assim como algumas similaridades e diferenças entre os dois tipos de existencialismo que Sartre cita na obra *O existencialismo é um humanismo*. Salientamos que, nesta pesquisa, iremos nos deter ao existencialismo ateu, ao qual Sartre se alinha.

A tradição legou ao pensamento do dinamarquês Soren Kierkegaard (1813-1855) a origem do existencialismo. De acordo com o referido filósofo, o centro da reflexão filosófica é a existência. O ponto de partida da análise e a meta de compreensão é o modo como a existência humana se desenvolve, como a constituição da subjetividade interage com o mundo e com as questões propriamente humanas, como: a ética, estética, religião, política, gnosiologia, sociedade, etc.

Pensadores anteriores a Kierkegaard costumavam direcionar suas pesquisas para a universalidade dos valores e para a síntese do que seria a natureza humana e seus objetivos. Assim, imbuíram o reino humano e o preencheram de sentido, servindo-se de esteios apriorísticos para fundamentar teses, como a ideia de Deus (muito presente no período medieval) e, mais tarde, com o resgate da concepção da natureza humana e dos valores inatos.

Para Kierkegaard, conforme assinala Vallejos (1975 p.3), “Lo que interesa fundamentalmente en el distinguido filósofo danés, es el sentido amplio y fecundo de la subjetividad de la existencia”. Desse modo, o autor indica um novo prisma de análise para a condição humana e orienta uma busca pela compreensão que não mais se realiza do universal para o particular, do abstrato para o concreto e da teoria para a prática, mas se baseia em uma operação que inverte os processos sem fugir das complexidades e complicações que daí derivam.

Assim, o filósofo dinamarquês deu início a uma concepção do ser humano que pode ser entendida, de certa maneira, como assistemática. Afinal, para Kierkegaard, é problemático explicar a realidade de oito bilhões de pessoas (números atuais) a partir de um sistema fechado. As pessoas vivenciam o mundo, passam por

experiências e existem nos contextos mais variados. Criar um sistema demasiado abstrato, pronto e fechado em si, de certo modo, pode reduzir a complexidade do que é a existência humana, correndo o risco de ignorar grande parte da complexidade da vida. Ou seja, em vez da teoria ter de se adaptar à realidade, a realidade, supostamente, teria de se adaptar à teoria. A contribuição de Kierkegaard para a compreensão da realidade humana se configura como a problematização dos grandes sistemas e teorias, além da complexificação da relação entre as verdades objetivas e subjetivas.

No existencialismo, ocorre uma passagem da busca pelas verdades universais e objetivas para tentativa de elaboração e compreensão do sentido da existência. Essa mudança de perspectiva denota uma primazia na tentativa de compreender a existência individual do humano em detrimento da busca por sua essência objetiva e universal. Afinal, a existência particular e concreta demandaria do sujeito reflexivo de maneira peculiar e constante. Para Kierkegaard, o ponto central de toda reflexão filosófica sempre é a subjetividade.

Podemos atribuir, fundamentalmente, a essa passagem o marco inicial do pensamento existencialista, que se dedica ao estudo da vivência subjetiva em vez das grandes elocubrações acerca da verdade objetiva. Tal inversão caracteriza o cerne existencialista, que é a busca pela compreensão do dilema humano em sua concretude e a procura subjetiva de uma orientação no mundo.

Kierkegaard foi um crítico contumaz do protestantismo dinamarquês, embora tivesse o cristianismo em alta estima.¹ Para o filósofo dinamarquês, a angústia é uma característica propriamente humana, que advém das possibilidades da existência e dos conflitos entre o corpo e alma, finito e infinito. Sensações existenciais surgem diante das dúvidas, possibilidades e incertezas presentes na vida humana. Podemos perceber que o pensamento kierkegaardiano, talvez por conta de sua vivência individual, tenha sido criado a partir de um escopo religioso.² O autor conjuga o existencialismo com a teologia cristã, entendendo o homem enquanto uma criatura,

¹“suas desavenças com a igreja luterana oficial, acusada por ele de ter-se burocratizado distanciando-se da religiosidade interior, fundamental, dizia, a todo verdadeiro cristão, impeliram-no a entrar em choque com a hierarquia eclesiástica. Os pastores luteranos, protestava, haviam se tornado oficiais dos reis, por conseguinte, totalmente desligados das verdades básicas do cristianismo” (PENHA, 1979, p.18).

² “Criado dentro dos rígidos princípios da religião luterana, que proclama a natureza pecaminosa do homem e sua irrevogável tendência a corromper-se, Kierkegaard viveu obcecado pelo sentimento do pecado.” (PENHA, 1979, p.17)

com a reflexão do humano frente à criação e a sua condição debilitada pelo pecado. O pensamento de Kierkegaard, enfim, transita em torno de questões acerca do pecado, da fé, do que significa ser um cristão, entre outros tópicos cristãos. Podemos pensar, portanto, na diferenciação que Sartre faz entre os existencialistas cristãos e os existencialistas ateus. No entanto, a primazia da subjetividade, angústia, liberdade, escolhas e possibilidades, bem como a constatação de que a existência precede a essência são temas comuns a todos existencialistas.³

Assim, o pensamento existencialista nasce da contradição entre a existência concreta e os grandes sistemas especulativos, como indica Vallejos (1975, p.18):

En el pensamiento de Hegel se ha dado una verdadera primacía al devenir, como un valor metafísico y por otro lado con toda su prestancia espiritual Kierkegaard, sostiene que todo filosofar se centra en el existir actual, con toda su intensidad subjetiva y que representa el punto de salida y de llegada de toda especulación, filosófica, ética, religiosa o estética.

Podemos analisar, a partir das óticas contrárias ressaltadas por Vallejos entre Hegel e Kierkegaard, as implicações do pensamento existencialista e as consequências de destacar a compreensão do particular em sua relação com o suposto universal, ou seja, a admissão da complexidade gerada pelas múltiplas existências e possibilidades humanas. Existências que surgem a partir das próprias vivências (qualia) dos sujeitos, da sua valoração e da compreensão do factual da existência. Considera-se, ainda, a relação do sujeito com sua consciência e com os outros, além das interpretações e significações que o indivíduo fará das grandes questões filosóficas e de como decidirá agir sobre o mundo. Como indica Ribeiro (2020, p.2) a respeito de Sartre:

Sartre tenta começar do “zero”. Tenta pensar a vida, as coisas e o agir sem ter nada pré-estabelecido. Pensar a partir de como a vida transcorre. Fazer e pensar a vida com tudo o que *está ali*. Sartre procurou ver o que realmente se entende por existencialismo e colocou o homem como o único responsável por seus atos. Ele é um ser livre e não há natureza humana em que possa se basear.

O existencialismo defende a não diluição do sujeito em um grande sistema especulativo e teórico, já que convida o indivíduo a encarar sua existência de maneira

³ “Por um lado, os cristãos- entre os quais colocarei Jaspers e Gabriel Marcel, de confissão católica – e, por outro, os ateus – entre os quais há que se situar Heidegger, assim como os existencialistas franceses e eu mesmo. O que eles têm em comum é simplesmente o fato de todos considerarem que a existência precede a essência, ou, se se preferir, que é necessário partir da subjetividade.” (SARTRE, 1970, p.2)

concreta e prática. Sartre defende que o existencialismo, na verdade, abre perspectivas ao ser humano, um cenário contrário às acusações de que o existencialismo sartreano seria uma doutrina pessimista, conforme veremos adiante. Sartre levanta a hipótese de que, talvez, sua doutrina tenha sido atacada tão veementemente pelos opositores não tanto pelo suposto pessimismo, mas sim por deixar ao homem uma possibilidade de escolha.⁴

O existencialismo de Sartre leva até as últimas consequências as implicações de uma posição ateia. Quais são as consequências da não existência de Deus e da supressão dos valores eternos, objetivos e universais? A queda em um pessimismo? A prisão no imobilismo e no desespero? O relativismo? A essas e algumas outras acusações que Sartre busca responder em sua conferência intitulada *O existencialismo é um humanismo*.

2.1 O existencialismo de Sartre

O existencialismo sartreano abdica de toda explicação apriorística e fundamentalista no que se refere ao ser humano. Para Sartre, o ser humano antes de existir não é nada. Não existe um criador ou um Deus para fundamentar e atribuir ao ser humano uma essência universal, nem para conceber um destino necessário a cada existente. A ideia de um Deus criador, zeloso e, conseqüentemente, uma finalidade existencial inerente ao humano enquanto tal não faz sentido para Sartre. Ele não se ocupa com a prova da inexistência de Deus – simplesmente a pressupõe:

O existencialismo não é tanto um ateísmo no sentido em que se esforçaria por demonstrar que Deus não existe. Ele declara, mais exatamente: mesmo que Deus existisse, nada mudaria; eis nosso ponto de vista. Não que acreditemos que deus exista, mas pensamos que o problema não é o de sua existência; é preciso que o homem se reencontre e se convença de que nada pode salvá-lo dele próprio, nem mesmo uma prova válida da existência de Deus. Nesse sentido, o existencialismo é um otimismo, uma doutrina de ação (SARTRE, 1970, p. 17).

O esforço sartreano é o de levar até as últimas consequências a possibilidade de que Deus não exista e, com isso, trazer à tona novamente a dignidade e a liberdade da subjetividade humana⁵, que se anulou em uma concepção determinista e fechada

⁴ “Será que, no fundo, o que amedronta na doutrina que tentarei expor não é fato de que ela deixa uma possibilidade de escolha para o homem?” (SARTRE, 1970, p.2).

⁵ “esta é a única teoria que atribui ao homem uma dignidade, a única que não o transforma num objeto. Todo materialismo me leva a tratar todos os homens, eu próprio inclusive, como objetos, ou seja, como

no que tange ao conceito de ser que foi perpetuado pela tradição. Nessa perspectiva, pode-se afirmar que o mistério do ser foi suprimido pela explicação de um mundo criado por um ser onisciente e onipresente ou por uma concepção teleológica e determinista. Sartre refuta essa posição veementemente: para o nosso filósofo, o homem é um projeto que vive a si mesmo e só existe na medida em que se realiza. O homem não está, portanto, determinado por um destino imutável ou condicionado por um ser supremo. Dentro desse escopo, o homem existirá e se construirá no mundo mediante seus atos e estes são de sua responsabilidade. Tal pensamento representa, enfim, o humanismo proposto por Sartre.

Podemos nos perguntar o que significa dizer que o existencialismo é um humanismo? Essa resposta pode ser encontrada nas palavras do próprio Sartre (1970, p.16): “não existe outro universo além do universo humano”. Essa passagem do texto salienta a posição humanista elaborada pelo autor, na qual o protagonismo da existência e a responsabilidade pelo reino humano retorna ao homem. Não para o “homem metafísico”, que supostamente existiria para além do mundo, mas para homens que existem no mundo, em concretude. Humanos que surgem inseridos em uma situação espaço-temporal (época, espaço, família, sistemas sociais etc.) que é anterior a sua existência. Como explica Morais (2012, p.115):

Essa complexa variedade que constitui a subjetividade livre Sartre define como facticidade. É algo que supera o sujeito uma vez que, ao nascermos, já encontramos o mundo, fato em que nos inserimos, mas que nos precede e nos transcende: ambiente histórico, condição social. Um conjunto de fatos que constitui para o sujeito uma situação. Agir significa reagir a tudo isto. Assim, a liberdade é inseparável das condições concretas de seu exercício. O existencialismo sartreano não propõe uma liberdade que seja pura e simples fruição da espontaneidade da consciência, mas nos coloca em confronto com as adversidades, a fim de vencê-las para realizar autenticamente um projeto livre de ser. A noção de facticidade leva-nos ao engajamento e ao compromisso. Não se trata tanto de assumir um compromisso, mas de reconhecermos que estamos comprometidos. O fato de nascermos num dado contexto, já nos compromete com ele, ou seja, como o mundo no qual temos de viver. O quietismo ou a indiferença é uma forma de opção que faço com relação aos problemas do meu tempo.

É a partir do mundo e em situações concretas que o indivíduo, necessariamente, se fará. O existente não é nada mais que sua vida. Logo, esse protagonismo humano é o elemento central do humanismo sartreano e o signo da responsabilidade existencial inerente ao indivíduo e, por consequência, também será

um conjunto de reações determinadas que nada distingue do conjunto das qualidades e dos fenômenos que constituem uma mesa, uma cadeira ou uma pedra. Nós desejamos, precisamente, estabelecer o reino humano como um conjunto de valores distintos dos do reino material” (SARTRE, 1970, p.11).

a origem do sentimento de angústia em relação à vida, característica dos seres-no-mundo. A noção de angústia é expressada da seguinte maneira por Sartre (1970, p.7):

Nossa vida é uma constante escolha, na qual em cada escolha realizada por nós, escolhemos quem queremos ser. Nós mesmos nos definimos. A angústia perante isto é de sabermos que não temos nenhum ser para recorrermos no qual possa ele nos dizer qual é o caminho certo, o que devo fazer, se isto é bom ou mau.

Com essa resposta contida em *O existencialismo é um humanismo*, podemos vislumbrar a relação entre liberdade, responsabilidade e angústia. O ser humano é livre porque não é pré-determinado, não está subjugado por algo, como o destino ou Deus. Portanto, ele é responsável por sua existência e por seus atos, o que acarreta um sentimento de angústia porque o sujeito precisa construir-se no decorrer de sua vida.

Como salienta Sartre (1970, p.13): “O homem faz-se; ele não está pronto logo de início; ele se constrói escolhendo a sua moral; e a pressão das circunstâncias é tal que ele não pode deixar de escolher uma moral”. Dentro dessa afirmação, o filósofo também deseja exprimir que o homem está condenado a ser livre.

A não existência de um artífice superior implica em uma condição humana de desamparo. Somos protagonistas justamente por não existirem forças cósmicas que sejam responsáveis pelas condutas humanas, a não ser os próprios humanos. O humanismo que é defendido por Sartre é diferente do defendido pela doutrina positivista e pelos ateístas do século XVIII. O humanismo positivista, segundo Sartre, é um humanismo restritivo, fechado em si mesmo, o que daria margem para possíveis fascismos. Também é diferente do humanismo proposto pelos ateístas do século XVIII, os quais concebiam uma espécie de natureza humana, o que daria uma sustentação ontológica e abriria possibilidades epistemológicas para elocubrações pretensamente objetivas acerca das grandes questões filosóficas, como a ética, a estética e a política. Nessa concepção, certas qualidades, valores e aptidões humanas seriam inatas e universais e, por consequência, teriam suas razões de ser inscritas no plano metafísico, abordando e concebendo o homem como se ele fosse um ser particular, derivado do universal. São dados que seriam bastante relevantes e até mesmo necessários para servirem de pilar social e moral das sociedades humanas (SARTRE, 1970).

Nosso filósofo, enfim, defende que não existe uma natureza humana, dado que não existe um Deus para concebê-la, o que existe é uma condição humana e uma situação histórica concreta na qual estamos inseridos.

2.2 A existência precede a essência

Para Sartre (e para os existencialistas em geral), no caso do ser humano, a sua existência precede a essência, dado que não somos alguma coisa, como uma mesa, uma tesoura ou uma couve-flor. Contudo, o que significa dizer que o homem não é uma couve-flor? Sartre, através desse exemplo, quis transmitir que uma couve-flor sempre será uma couve-flor. Esse vegetal não pode decidir ser outra coisa, é *passivo* perante sua existência. Ao contrário do humano, que se construirá no decorrer de sua existência. Significa que o ser humano sempre será impelido a decidir e a escolher (o que pressupõe a liberdade) em determinada situação e conforme suas condições de possibilidade (o que pressupõe a liberdade situada). Para Sartre, o indivíduo sempre estará amparado por sua liberdade (ainda que não queira), de modo que a liberdade existe justamente porque as *situações* que ocorrerão no decorrer da existência não estão pré-definidas.

Assim, o sujeito experimentará a sua existência e a imbuirá de sentido, vivenciando as obrigações que a existência carrega e agindo em contextos variados e inéditos ao longo de sua vida. A existência é tal que, sendo um ser-no-mundo, o indivíduo necessariamente estará engajado *em algo* até o fim de sua existência, sendo responsável não só por si, mas pelo contexto no qual está inserido. Possibilidades variadas apresentar-se-ão no decorrer da existência de cada indivíduo e caberá a ele escolher: pela escolha, o sujeito também escolhe a si mesmo.

Podemos perceber que o existencialismo se debruça sobre a questão das subjetividades. De acordo com Penha (1979, p.14), “o existencialismo, conseqüentemente, é a doutrina filosófica que centra sua reflexão sobre a existência humana considerada em seu aspecto particular, individual e concreto.” Significa dizer que, para o existencialismo, a reflexão sempre partirá do indivíduo. A análise parte de um indivíduo concreto e de *seus motivos*. O indivíduo pensa e escolhe por si e a si mesmo, perante e com os outros no mundo, pois vivemos em um mundo intersubjetivo. Como explica Moutinho (2006, p.216):

Não é o lugar aqui de traçar a gênese dessa ilusão (chamado “solipsismo”); basta notar que o sujeito sartriano é, ao contrário, situado, que ele é ser-no-mundo, não um interior recolhido sobre si. Vem daí que, em situação, ele não se sabe apenas a si mesmo, mas apreende também o outro, tão verdadeiro para ele quanto ele próprio. Não agimos portanto em um mundo privado, em vista de nós mesmos, mas em um mundo comum no qual o outro é já de saída meu igual.

O indivíduo será responsável pelas ações nas quais se engaja no decorrer de sua existência e, a partir dessas ações, que efetivamente o sujeito será algo. Nesse sentido, entende-se que o ser humano não será nada além do que ele projetar ser. O primeiro princípio e o primeiro passo do existencialismo, apontados por Sartre na conferência de 1945, (*O existencialismo é um humanismo*), indicam, respectivamente, que: o homem nada mais é do que aquilo que ele faz de si mesmo; colocar todo homem na posse do que ele é e de submetê-lo a responsabilidade total de sua existência. Assim, o existencialismo se baseia na ideia de que a existência precede a essência, por isso o indivíduo não é nada além do que faz de si mesmo e está submetido a responsabilidade de seus atos no mundo.

O que significa dizer que a existência precede a essência? Vejamos: imaginem o momento em que a primeira tesoura foi criada. Com a criação da primeira tesoura, criou-se também um método para fabricá-la, uma finalidade e determinadas características que fazem as tesouras serem tesouras, e não outra coisa. A partir da primeira tesoura, o conceito, ou melhor, a essência da tesoura foi criada. A partir de então, todas tesouras criadas seguem o conceito da primeira e têm seu objetivo e finalidade definidos antes mesmo de existirem concretamente no mundo. Ao concebermos um Deus criador, a essência precede a existência, pois comumente, o entenderíamos como um artífice.⁶

Para Sartre, o processo existencial do indivíduo ocorre de maneira rigorosamente contrária ao processo existencial da tesoura. Para o indivíduo, a existência precede a essência. Significa dizer que, por exemplo, antes da existência de Napoleão Bonaparte, não existia uma ideia, uma essência, uma forma de Napoleão Bonaparte. Sua essência só adquiriu concretude a partir da existência dele e de seu projeto realizado. Napoleão viveu em conformidade com as condições humanas, que,

⁶ “Assim, o conceito de homem, no espírito de Deus, é assimilável ao conceito de corta-papel, no espírito do industrial; e Deus produz o homem segundo determinadas técnicas e em função de determinada concepção, exatamente como o artífice fabrica um corta-papel segundo uma definição e uma técnica. Desse modo, o homem individual materializa certo conceito que existe na inteligência divina. No século XVIII, o ateísmo dos filósofos elimina a noção de Deus, porém não suprime a ideia de que a essência precede a existência.” (SARTRE, 1970, p.3).

para Sartre, significam limites *a priori* comuns a toda humanidade como, por exemplo, a necessidade de estar no mundo, estar com os outros no mundo e ser mortal.

Outra característica humana, ainda utilizando o exemplo de Napoleão, é a de que ele viveu em determinada situação histórica. Para Sartre, a situação histórica é relativa e varia conforme o espaço-tempo. A partir de sua situação e de suas possibilidades concretas, Napoleão fez-se Napoleão. Agindo sobre o mundo, escolhendo, ponderando e perseguindo seu projeto pessoal e, por consequência, de humanidade.⁷ Antes da existência de Napoleão, Napoleão nada era. Só a partir da existência dele é que podemos vislumbrar uma certa essência peculiar e característica.

De acordo com Sartre, o mundo não é necessário porque não é pré-determinado. Para ele, portanto, o mundo é contingente. Podemos vislumbrar a contingência do mundo que nos aponta Sartre, seguindo no exemplo de Napoleão. Se, por hipótese, Napoleão tivesse escolhido agir de qualquer outra forma, essa decisão transformaria a história que conhecemos. Por exemplo: ele poderia ter decidido não invadir Moscou, ou tê-la invadido em outra estação. Para Sartre, essa era uma possibilidade porque a invasão de Moscou não ocorreu porque Deus, ou alguma entidade, quis assim, sequer por uma intervenção nas ações de Napoleão, mas porque ele assim decidiu e sua situação permitia aquela ação. A partir de sua liberdade que, para Sartre, se dá sempre em situação, Napoleão agiu dessa forma e foram essas as ações que se materializaram na história. Como explica Ribeiro (2020, p.3):

Mas, pode-se atribuir sentido a tais fatos com o exercício da liberdade sempre situada, paradoxalmente, numa escolha mediada por fatores, atuando como determinantes. Existir é fazer história, é estar historicamente inserido no mundo, o homem é uma história individual, o homem é produzido historicamente (MARX, 1958). Indubitavelmente, a história determina o homem, mas determina no mesmo tempo em que o homem a faz, pois só existe história por meio de agentes históricos.

A partir da ação do homem Napoleão, a história poderia ter sido diferente. O fato é que Napoleão agiu como agiu e tudo foi responsabilidade dele. Por mais que ele pudesse atribuir seu projeto à vontade divina ou à necessidade histórica, essas seriam interpretações realizadas livremente, como Sartre aponta no exemplo do

⁷ “Ao afirmarmos que o homem se escolhe a si mesmo, queremos dizer também que, escolhendo-se ele escolhe todos os homens. De fato, não há um único de nossos atos que, criando o homem que queremos ser, não esteja criando, simultaneamente, uma imagem do homem tal como julgamos que ele deva ser.” (SARTRE, 1970, p.4).

jesuíta.⁸ Então, os atos de Napoleão foram contingentes e não necessários, pois, segundo nosso autor, não existe um Deus ou algo como o destino que torne necessários os atos sob o mundo.

Em suma, para Sartre, os atos têm como fundamento a liberdade e como meio alguma subjetividade humana, o que pressupõe a liberdade de deliberação a partir das circunstâncias dadas. Delegar a responsabilidade das próprias ações sobre o mundo à alguma entidade, segundo nosso filósofo, é agir de má-fé.

Os indivíduos estão desamparados, então devem decidir e valorar por si próprios. Não há um Deus, um guru ou algo em que se amparar, tudo é responsabilidade do sujeito, e isso causa angústia. Muitas vezes, a angústia impele os indivíduos a agirem de má-fé como uma forma de dissimular esse sentimento, delegando sua responsabilidade existencial a outrem. Como explica Norberto (2007, p.6):

O homem tenta fugir da sua condição de legislador, de liberdade radical e de ser o responsável único por suas ações. A má-fé é mentir para si mesmo. É a criação ou adoção de uma imagem de si mesmo, na busca de se identificar tão fortemente com ela, a ponto de negar a possibilidade de ser diferente. Ou seja, é a tentativa de negação da própria liberdade.

A história do homem é feita pela humanidade, noção que Sartre indica quando fala sobre o universo humano. A própria existência é responsabilidade humana, assim como as situações construídas sob o mundo. Para Sartre, nem os deuses, nem os anjos, nem as estrelas são responsáveis por nosso destino. Embora o indivíduo possa pensar em uma intervenção divina, segundo Sartre essa seria uma atitude de má-fé, uma tentativa de fugir de sua liberdade, procurando dissimular sua angústia no determinismo. Tal comportamento caracteriza e legitima o quietismo, uma vez que suas escolhas e ações são delegadas a algo exterior ao próprio humano (isso, sem dúvida, pode ser reconfortante). Não há motivos para não optar por viver em má-fé, no entanto, se admitidas logicamente as premissas do existencialismo, viver em má-fé é viver em falsidade, ou seja, representa para si mesmo viver em uma mentira.

⁸ “Esse jovem podia portanto considerar que fracassara em tudo; era um sinal, mas um sinal de quê? Poderia refugiar-se na amargura ou no desespero. Porém, muito habilmente para si próprio, considerou que seus insucessos eram um sinal de que ele não nascera para os triunfos seculares, e que só os triunfos da religião, da santidade, da fé, estavam ao seu alcance. Viu, portanto, nesse sinal, a vontade de Deus e ingressou na Ordem. Quem poderia deixar de perceber que a decisão sobre o significado do sinal foi tomada por ele e só por ele? Seria possível deduzir outra coisa dessa série de insucessos: por exemplo, que seria melhor se ele fosse carpinteiro ou revolucionário” (SARTRE, 1970, p.8).

3 A OBRA *O EXISTENCIALISMO É UM HUMANISMO* E AS ACUSAÇÕES SOFRIDAS POR SARTRE

Sartre realizou uma conferência em 1945 para esclarecer alguns pontos de sua doutrina e se defender do mau uso de algumas obras por alguns movimentos de sua época. Esses movimentos utilizavam alguns jargões soltos, de forma sensacionalista e ultrajante. É importante destacar que as informações sobre essa conferência são escassas nas plataformas de pesquisa. Assim, para introduzir este capítulo, utilizaremos a apresentação feita pela filha adotiva de Sartre, a argelina Arlette Elkaim-Sartre,⁹ em uma das edições do livro *O existencialismo é um humanismo*. A respeito da origem da obra, Elkaim (2014, p.9) pondera:

O existencialismo é um humanismo é o texto estenografado, pouquíssimo retocado por Sartre, de uma conferência que ele proferiu em Paris, a segunda-feira dia 29 de outubro de 1945, a pedido do Club Maintenant, criado no Libération por Jacques Calmy e Marc Beigbeder com objetivo de “animação literária e intelectual”; o texto foi publicado no ano seguinte pelas Éditions Nagel. Que necessidade teria o autor de *O ser e o nada* (1943) de argumentar em favor do humanismo de sua doutrina?

Além de *O ser e o nada*, as obras literárias e as peças teatrais sartreanas causavam escândalo entre seu público e os bem-pensantes da época. Personagens profundamente humanos, que, portanto, estavam imbuídos de contradições, eram insuficientes para a expectativa do público por um herói positivo. Os cristãos e os comunistas também atacavam Sartre. Como aponta Elkaim (2014, p.10): “fórmulas separadas de seu contexto como o inferno são os outros, a existência precede a essência, o homem é uma paixão inútil, à solta em jornais sensacionalistas viraram slogans diabólicos”. Na tentativa de esclarecer equívocos em sua doutrina e de se reaproximar do partido comunista (o que não aconteceu), Sartre aceitou ministrar a conferência de 1945 na qual condensou grande parte de sua teoria.

É importante ressaltar o contexto histórico em que tudo isso ocorreu, como bem destaca Elkaim (2014, p.11):

Ora, não foi um raciocínio teórico que levou Sartre a querer essa reaproximação. *O ser e o nada* tinha amadurecido ao longo dos anos, ele o elaborou em uma espécie de euforia solitária durante os períodos de ócio forçado por causa da “guerra bizarra” e do Stalag; mas toda essa potência intelectual empregada na descoberta de uma verdade sobre o ser e sobre o homem no mundo não o impediu de sentir sua impotência sob a ocupação.

⁹ Sartre, Jean-Paul. **O existencialismo é um humanismo** 4. Ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014; apresentação e notas Arlette Elkaim-Sartre. p. 9-15.

Se ele aspira à ação coletiva, é porque experimentou o peso da história e reconheceu a importância do social. Naquele mesmo mês de outubro foi publicado o primeiro número dos Tempos Modernos; esta revista, que ele acaba de fundar, pretende dar apoio às lutas sociais e econômicas da esquerda, cujo primeiro representante veio a ser o Partido dos Fuzilados e, com suas crônicas, reportagens, estudos, almeja colaborar para a libertação humana. Mas a equipe dos Tempos Modernos se reserva a liberdade crítica: “Nós nos posicionamos do lado daqueles que querem mudar tanto a condição social do homem quanto a concepção que ele tem de si mesmo. Também, a propósito dos eventos políticos e sociais que acontecem, nossa revista tomará posição caso a caso. Ela não o fará politicamente, ou seja, não servirá partido algum”. Tal liberdade de opinião, os teóricos do partido não aprovam.

Sartre sempre esteve engajado no mundo factual, sem nunca desistir de criticar aquilo que julgava passível de ser criticado. A liberdade crítica serviu de base para seus posicionamentos, o que acabou por levá-lo a ser criticado tanto pelos cristãos, que o acusavam de anarquismo, de ser um defensor da ignomina humana e de não levar a sério os valores da tradição, quanto pelos comunistas que o acusavam de não ter convicção moral, de ser subjetivista e de ter criado uma doutrina da contemplação que seria uma doutrina burguesa. A essas e a e outras críticas que Sartre tenta responder na conferência de 1945.

3.1 Acusações dos comunistas

Neste tópico, abordaremos as acusações realizadas pelos comunistas ao existencialismo, além de explorar as respostas dadas por Sartre na conferência de 1945. A primeira acusação trazida por Sartre consiste no seguinte:

em primeiro lugar, acusaram-no de incitar as pessoas a permanecerem no imobilismo do desespero; todos os caminhos estando vedados, seria necessário concluir que a ação é totalmente impossível neste mundo; tal consideração desembocaria, portanto, numa filosofia contemplativa – o que, aliás, nos reconduz a uma filosofia burguesa, visto que a contemplação é um luxo. São estas, fundamentalmente, as críticas dos comunistas. (SARTRE, 1970, p.1).

Ao longo da conferência, Sartre irá refutar as acusações a partir de exemplos e contradições, demonstrando que os adversários de sua doutrina entenderam mal alguns de seus eixos. A permanência no desespero é um desses equívocos. De fato, para Sartre, o ser humano encontra-se na situação de desamparo no sentido de que precisará fazer escolhas e responsabilizar-se por elas, sem encontrar fundamento fora ou mesmo dentro de si. Tal consciência pode ser desesperadora em um primeiro

momento, contudo, Sartre não está preocupado em encontrar uma bela teoria.¹⁰ Ele está preocupado com a concepção e as implicações da condição humana. Ao contrário da forma como operaram os ateístas do século XVIII apontados por Sartre, que substituíram a ideia de Deus pela ideia de valores eternos e imutáveis inscritos na natureza humana, nosso filósofo afirma que, ao rechaçar a ideia da existência de Deus, ao mesmo tempo se rechaça a concepção dos valores eternos e imutáveis.

Se tudo isto que Sartre nos adverte é verdade, se de fato a existência precede a essência, Deus não existe e nós somos livres e responsáveis por nós mesmos, por que deveríamos aderir ao quietismo? Sartre defende que o existencialismo é:

o contrário do quietismo, visto que ela afirma: a realidade não existe a não ser na ação [...] o homem nada mais é do que o seu projeto; só existe na medida em que se realiza; não é nada além do conjunto de seus atos, nada mais que sua vida (SARTRE, 1970, p. 9).

O fato de não existirem valores eternos e imutáveis não impede que vivamos e sintamos o mundo e os outros, pois "para o existencialista, não existe amor senão aquele que se constrói; não há possibilidade de amor se não a que se manifesta num amor" (SARTRE, 1970, p.9). A partir dessa citação, podemos vislumbrar que para Sartre o amor não existe. Pelo menos não de maneira apriorística e imutável, mas ele entende que existe algo a que chamamos de amor, o que pode ser construído de maneira humana.

Sartre acreditava que seu existencialismo sofreu tantos ataques não tanto pelo seu suposto pessimismo e imobilismo, mas porque sua doutrina deixa margem para ação humana. Já para a maioria das pessoas, seria mais conveniente que nascêssemos predestinados a sermos "heróis ou covardes":

O que as pessoas, obscuramente, sentem, e que as atemoriza, é que o covarde que nós lhe apresentamos é culpado por sua covardia. O que as pessoas querem é que nasçamos covardes ou heróis [...] se eu nasço covarde, posso viver em perfeita paz, nada posso fazer, serei covarde a vida inteira, o que quer que eu faça; se nasço herói, também viverei inteiramente tranquilo, serei herói durante a vida toda, beberei como um herói; comerei como um herói. O que o existencialista afirma é que o covarde se faz covarde, que o herói se faz herói; existe sempre, para o covarde, uma possibilidade de não mais ser covarde, e, para o herói, de deixar de o ser (SARTRE, 1970, p.10):

¹⁰ "Nesse plano, estamos, por conseguinte, perante uma moral da ação e do engajamento. [...] nosso ponto de partida é, de fato, a subjetividade do indivíduo e isso por razões estritamente filosóficas. Não porque sejamos burgueses, mas porque desejamos uma doutrina baseada na verdade e não num conjunto de belas teorias cheias de esperança, mas sem fundamentos reais" (SARTRE, 1970, p.11).

Dessa forma, se houvesse um determinismo, poderíamos permanecer confortavelmente resignados em sua natureza, dizendo: “as coisas são assim e não há nada que possamos fazer, ou, eu sou assim e não há nada que eu possa fazer”. Contudo, o existencialista defende que o herói é responsável pelo seu heroísmo, assim como o covarde por sua covardia.

Qual dessas duas perspectivas deveria ser encarada como pessimista, aquela que defende que não há nada a fazer ou a que defende que temos possibilidades e que somos livres? Existe algo mais desesperador do que não poder fazer nada? Obviamente, a segunda concepção acarreta muito mais responsabilidade, talvez por isso Sartre advirta que todo aquele que se esconder atrás de um determinismo será considerado covarde.

A permanência no imobilismo por causa do desespero é outro mal-entendido dentro do escopo do existencialismo sartreano. Vejamos as seguintes afirmações: “o homem se define pela ação”; “o destino do homem está em suas próprias mãos” (SARTRE, 1970, p.10). O existencialismo não convida os indivíduos a se acomodarem em seus respectivos desesperos, pelo contrário, ele instiga o homem a partir da constatação de que o destino do homem e da humanidade está em suas próprias mãos, convidando a humanidade a assumir sua responsabilidade na criação possível de uma comunidade humana.

Argumentarei dizendo que lamento muito que assim seja, mas, já que eliminamos Deus Nosso Senhor, alguém terá de inventar os valores. Temos que encarar as coisas como elas são. E, aliás, dizer que nós inventamos os valores não significa outra coisa senão que a vida não tem sentido a priori. Antes de alguém viver, a vida, em si mesma, não é nada; é quem a vive que deve dar-lhe um sentido; e o valor nada mais é do que esse sentido escolhido. Pode constatar-se, assim, que é possível criar uma comunidade humana. (SARTRE, 1970, p.16).

A existência só se dá a partir de situações e por meio das ações e das escolhas. O homem é liberdade, o indivíduo é seu próprio fundamento: ele precisa escolher e escolher-se ao longo de sua existência. As escolhas implicam em ações, de modo que a liberdade sempre ocorre em uma determinada situação e exige o nosso engajamento. A existência é concreta e contingente, sem permitir que passemos por ela sem ação, escolha, engajamento e responsabilidade, que transcorrem sempre em cada situação. O não escolher é também escolher, assim como o não agir é também agir – essa é a radicalidade da liberdade sartreana.

Escolhendo agir de determinada forma (em detrimento de outras formas), agimos, nos engajamos e mediante nossos atos é que nos construiremos. É a partir de nossas escolhas e atos que nos faremos “heróis ou covardes”. Uma doutrina que defende tais valores, segundo Sartre, não deveria ser confundida como um convite ao quietismo ou a uma visão pessimista da existência.

Sartre foi acusado de falta de moral por não acreditar que uma ação política será igual em diferentes contextos, regiões e épocas, já que essas ações teriam como pressuposto uma espécie de bondade humana, e não a liberdade. Sartre se defende, afirmando que acredita, sim, no engajamento e na ação, contudo, crê naqueles que estão próximos a ele, na mesma situação e não em um ideal político ou ideológico que vive aquém das ações dos praticantes. Isso se deve ao conhecimento que se tem dos mais próximos, de modo que nos sentimos, de certa forma, a par do que está acontecendo. Acreditar que os outros irão desejar a mesma coisa e empreender da mesma forma em épocas diferentes ou mesmo em outras regiões geográficas é uma certa “inocência”.¹¹

3.2 As acusações dos cristãos

A seguir, Sartre apresenta as acusações dos cristãos e, em parte, dá a entender que a crítica pelo suposto subjetivismo vinha de ambos os lados (cristãos e comunistas). Seguindo o que o Sartre expressa no início da sua conferência, destacamos os seguintes termos:

Por outro lado, acusaram-nos de enfatizar a ignominia humana, de sublinhar o sórdido, o equívoco, o viscoso, e de negligenciar certo número de belezas radiosas, lado luminoso da natureza humana; por exemplo, segundo a senhorita Mercier, crítica católica, esquecemos o sorriso da criança. Uns e outros nos acusam de haver negado a solidariedade humana, de considerar que o homem vive isolado; segundo os comunistas, isso se deve, em grande parte, de nós partirmos da pura subjetividade, ou seja, do penso cartesiano, ou seja ainda, do momento em que o homem se apreende em sua solidão –

¹¹ “Devo ater-me ao que vejo; não posso ter certeza de que meus companheiros de luta retomarão o meu trabalho após minha morte para o conduzir à máxima perfeição, visto que esses homens são livres e decidirão livremente, amanhã, sobre o que será o homem; amanhã, após minha morte, alguns homens podem decidir instaurar o fascismo, e outros podem ser bastante covardes ou fracos para permitir que o façam; nesse momento, o fascismo será a verdade humana e pior para nós; na realidade, as coisas serão como o homem decidir que elas sejam. Isso significa que eu deva abandonar-me ao quietismo? De modo algum. Primeiro, tenho que me engajar; em seguida, agir segundo a velha fórmula: “não é preciso ter esperança para empreender”. Isso não quer dizer que eu não deva pertencer a um partido, mas que não deverei ter ilusões e que farei o melhor que puder. Por exemplo, se eu perguntar a mim mesmo: a coletivização, enquanto tal, será um dia implantada? Como vou saber? Sei apenas que farei tudo o que estiver ao meu alcance para que ela o seja; eu o farei; para além disso, não posso contar com mais nada.” (SARTRE, 1970, p.9).

o que me tornaria incapaz de retornar, em seguida, à solidariedade com os homens que existem fora de mim e que eu não posso alcançar no *cógit*. Na perspectiva cristã, somos acusados de negar a realidade e a seriedade dos empreendimentos humanos, já que, suprindo os mandamentos de Deus e os valores inscritos na eternidade, resta apenas a pura gratuidade; cada qual pode fazer o que quiser, sendo incapaz, a partir de seu ponto de vista, de condenar os pontos de vistas e os atos alheios. (SARTRE, 1970, p.1)

Sartre afirma, um tanto jocosamente logo no início de sua conferência, que o termo “existencialista” ganhou tamanha amplitude e extensão que já não significa mais nada. Nesse sentido, tudo o que era baixo, vulgar e vil era associado ao existencialismo. Por que acusar o existencialismo de ser um defensor da ignominia humana? Talvez por conta da literatura sartreana¹² e por causa dos termos grandiloquentes, como angústia, desespero e desamparo. Ou talvez pela resistência em aceitar a responsabilidade existencial e por temer a margem de possibilidades de ação concebida pelo humanismo sartreano. Ou ainda por pensar que o ser humano, após apreender-se no *cogito* enquanto ser-no-mundo, fosse impossibilitado de retornar novamente a solidariedade para com seus companheiros de condição humana. Ao que Sartre explica:

para definir o provável, temos de possuir o verdadeiro. Portanto, para que haja uma verdade qualquer, é necessário que haja uma verdade absoluta; e esta simples e fácil de entender; está ao alcance de todo o mundo; consiste no fato de eu me apreender a mim mesmo, sem intermediário. (SARTRE, 1970, p.11).

Sartre defende que, pelo *cogito*, eu apreendo não somente a mim mesmo, mas que é possível descobrir o outro como tão verdadeiro quanto nós mesmos. Desse modo, para estabelecer qualquer verdade sobre mim, é necessário que eu considere o outro. O outro se apresenta como uma liberdade sobreposta e é nesse mundo de intersubjetividade que o homem decide o que ele é e o que os outros são.

A subjetividade sartreana diz respeito a uma condição de desamparo, no sentido de que não temos um receituário ou algo como um manual para guiar-nos na vida. O indivíduo pode até ser adepto de alguma religião, partido, ideologia, etc. ou aderir a alguns preceitos, considerados verdadeiros guias para seu próprio caminho. Contudo, isso dirá respeito exclusivamente a sua idiosincrasia, o que

¹² “Nessas condições, não é por nosso pessimismo que nos acusam, mas, no fundo, pela dureza de nosso otimismo. Se certas pessoas nos censuram por desenvolvermos seres pusilânimes, fracos, covardes, e, por vezes, francamente maus, em nossas obras de ficção, não é unicamente porque eles são pusilânimes, fracos, covardes ou maus, pois, se fizéssemos como Zola e declarássemos que eles assim são devidos à hereditariedade, por influência do meio, da sociedade, por um determinismo orgânico ou psicológico, todos se tranqüilizariam e diriam: aí está, somos assim e ninguém pode fazer nada; o existencialista, porém, quando descreve um covarde, afirma que esse covarde é responsável por sua covardia.” (SARTRE, 1970, p.10).

consequentemente responsabiliza o indivíduo perante suas atitudes e escolhas dentro do universo intersubjetivo humano. Sobre esse dilema, Sartre conta o caso de um estudante que precisava decidir entre ficar com sua mãe (que estava sozinha e dependia dele) ou ir para uma guerra em nome de ideais e convicções que estavam presentes em sua vida. O filósofo pondera que nenhum sistema moral seria capaz de ajudá-lo a tomar confortavelmente uma decisão, pois as circunstâncias lhe impeliam a escolher e agir. Esse estudante encontrava-se em uma situação organizada, com a qual estava engajado e tinha total responsabilidade em relação a seu problema.

Para Sartre, a ação moral se assemelha à criação artística no seguinte sentido: não se concebe uma obra de arte aprioristicamente, pois ela irá se desenvolver a partir da ação do artista e só avaliaremos a obra depois de pronta, ou seja, existe um caráter de criação e de invenção na produção artística. Assim, o autor defende que o mesmo também ocorre com as ações morais. Sartre salienta que não está embasando uma moral estética, ele simplesmente faz uma analogia entre o caráter de invenção presente nos dois fenômenos, como bem ilustra Lima (2010, p.4):

Para Sartre não existe um guia pronto das ações humanas que possam legitimar a conduta dos homens tal como pensava Bentham, posto que, Sartre afirmava que no plano moral, tal como na arte, só “existe criação e invenção” (SARTRE, 1970, p. 15), isto é, para nosso autor, o que está em questão não é a relação entre o EU e um PRINCÍPIO (da utilidade), mas o EU e o OUTRO, pois, diz Sartre “se considero que determinada ação é boa, sou eu mesmo que escolho afirmar que ela é boa e não má [...]” (SARTRE, 1970, p.6), pois, quando escolho a mim escolho também os outros. Neste sentido, Biella (2015, p.8) ressalta que se não há uma essência e menos ainda um *receituário de homem* que os indivíduos possam se apoiar, o homem não pode ser definido ou explicado como diz Sartre a partir de “uma natureza humana dada ou definitiva” (SARTRE, 1970, p.7).

A existência pode apresentar dilemas que terão de ser resolvidos pelo indivíduo. Sua existência e o projeto em que viverá são de sua responsabilidade, já que o indivíduo é fundamentalmente livre por não existir uma definição prévia de sua trajetória. No entanto, a liberdade sartreana sempre se dará em determinada situação¹³, em que somente a ação indicará o sentido e o valor atribuídos pelo existente em relação a determinada situação. Sartre está buscando, portanto, uma resposta onto-

¹³ “é necessário que eu seja no mundo, se é necessário que eu esteja situado, nem por isso eu sou passivo em relação ao mundo. Ao contrário: como vimos, eu ultrapasso aquilo que me é presentemente dado (ou seja, minha situação) e, ao fazê-lo, eu organizo meu campo. A situação, portanto, não é um constrangimento que eu padeço, pois eu a ultrapasso livremente. E como eu ultrapasso em vista de fins livremente escolhidos, eu a faço aparecer de tal ou tal modo. Situação e liberdade estão aqui tão intimamente ligadas, tão intrincadas, que separá-las é o mesmo que falseá-las.” (MOUTINHO, 2017, p.208).

fenomenológica plausível para o ser humano e sua condição, e em nenhum momento negligencia a questão ética ou defende que a vida seja só sofrimento.¹⁴

Sartre não defende a feiura, os maus hábitos ou o terror. Nosso autor só constata que tudo isso existe e é responsabilidade humana (quer gostemos ou não). O fato de existirem barbáries como as grandes guerras, invasões territoriais violentas, chacinas, misérias, etc. não anula a existência das coisas boas e belas no mundo.

Acusaram-no de não levar a sério os valores da tradição, o que representaria um grande perigo social, pois desacreditar do inatismo e dos valores pré-estabelecidos poderia legitimar o relativismo, o anarquismo e o nihilismo. Portanto, dado que o homem é fundamentalmente liberdade e que sua liberdade consiste justamente em não se basear em nenhum fundamento apriorístico ou determinista, como definir claramente o que é certo ou errado, justo ou injusto? Sartre concebe que a existência precede a essência, de modo que o indivíduo se forma no bojo de uma liberdade situada, a partir da experiência subjetiva e concreta, engajado em seu contexto, mas sem nunca poder se amparar em esteios apriorísticos e em fundamentalismos. Desse ponto de vista, seria então impossível condenar outras perspectivas, dado que não existem valores imutáveis que sustentam a realidade. Segundo os acusadores, tudo seria gratuito, em vão.

É importante salientar que, mesmo que Sartre questione muitas verdades pré-estabelecidas no que diz respeito ao ser humano e suas diversas manifestações, ele não sustenta uma postura anticientificista, como bem aponta Moutinho (2007, p.198):

Mas o que seria uma subjetividade visada por meio de conceitos e uma subjetividade concreta? Pensemos no corpo. A anatomia define o corpo por meio de conceitos (cabeça, tronco, membros, órgãos, tecidos etc.). Assim definido, o corpo não é o corpo de ninguém em especial, nenhum corpo em especial, nenhum corpo em singular: pode ser o corpo de todos, mas também não é o corpo de ninguém, nenhum corpo concreto. [...] o que importa ao existencialista é o sujeito concreto: o sujeito concreto é esse sujeito singular, vivo e atuante, no café, no trabalho, no mundo, esse sujeito que desvela o mundo não pode ser definido a partir de conceitos gerais e abstratos. Toda tentativa de definir e explicar o sujeito implica em objetivá-lo. Não que isso seja falso; de modo algum! É que isso não é tudo: resta esquecida e por descrever a experiência subjetiva concreta.

Sartre defende que a subjetividade concreta é aquela que está imersa no cotidiano do mundo. As ciências são importantes para a compreensão dos

¹⁴ “Não quero evidentemente dizer que, ao escolher entre um mil-folhas e uma bomba de chocolate, escolho com angústia. A angústia só é constante no sentido em que minha escolha original é uma escolha constante. De fato, na minha opinião, a angústia é a ausência total de justificativas e simultaneamente, a responsabilidade perante todos.” (SARTRE, 1970, p.17).

fenômenos, no entanto, o autor salienta que esse saber não esgota a explicação dos fenômenos humanos, porque passam pelos mais variados processos de significação e valoração¹⁵ através das subjetividades situadas.

Três acusações que, segundo Sartre, derivam do suposto subjetivismo merecem ser observadas em detalhe, são elas: 1) a acusação de não existirem valores objetivos, pode acarretar escolhas gratuitas; 2) a noção de que, a partir do existencialismo, nenhum juízo de valor poderia ser estabelecido; 3) a acusação de que, o existencialismo nega a seriedade dos empreendimentos humanos. Doravante buscaremos, acompanhando Sartre, responder a essas três acusações respectivamente.

O fato de não existirem valores *a priori* não impede que eles possam existir *a posteriori*. Sartre salienta que os valores estabelecidos são frutos da experiência humana, ou seja, eles não existem, sequer são fundamentados em algo além-mundo. Por esse motivo, Sartre destaca o caráter de invenção presente na moral, pois o estudante do exemplo anterior precisou inventar uma moral que lhe permitisse decidir entre a mãe e a guerra. A decisão não poderia ser tomada aprioristicamente, já que a situação do indivíduo o impeliu a tomar uma decisão. O estudante pode até ter ido em busca de conselhos, no entanto, seguir ou não os conselhos era uma decisão subjetiva¹⁶, assim, ele precisou decidir amparado unicamente em sua liberdade. A angústia derivada da responsabilidade sentida por este jovem não pode ser expressa fielmente, ao ponto de proporcionar que o ouvinte/leitor saiba exatamente o que este jovem sentiu. Para Sartre, o conteúdo para a ação moral é sempre concreto, uma vez que não existe nenhum sistema moral que pode oferecer a todos, e em todos os momentos, soluções confortáveis para ação moral¹⁷, o que define o caráter inventivo

¹⁵ “O determinista torna a ação entre “causa e ação” uma relação entre “causa e efeito”, à maneira do que acontece na natureza física (se é que é assim na natureza...) ou à maneira de um choque entre duas bolas de bilhar, em que a segunda se move quando é tocada pela primeira. O determinista não se pergunta como no comportamento humano uma causa torna-se... uma causa. Por exemplo: um amigo querido fica doente e eu decido viajar para ir vê-lo; a doença é a causa de minha viagem? Certamente, eu decidi viajar porque ele ficou doente. Mas a doença só é determinante para minha ação porque ela já é significada por mim como doença-de-um-amigo-querido. Ao dar a ela esse significado, eu a torno motivo suficiente para eu viajar: a “causa” – ou, mais apropriadamente, o motivo – só é motivo porque ele já aparece à luz desse sentido que lhe confiro. E isso rigorosamente: em si mesma, a doença nada seria, ela já aparece inserida nessa teia em que ela é *para mim*, e a tal ponto que é preciso inverter a ordem suposta pelo determinista: não é a causa que determina a ação, é a ação que torna o motivo, motivo! Nesse caso, é porque eu decido viajar que a doença de meu amigo torna-se motivo. É o meu ato que o determina como motivo” (MOUTINHO, 2007, p. 209).

¹⁶ “escolher um conselheiro é ainda engajar-se” (SARTRE, 1970, p.8).

¹⁷ “Nós pensamos, pelo contrário, que princípios abstratos demais não conseguem definir a ação. Tomemos, mais uma vez; o caso do aluno: em nome de que, em nome de que grande máxima moral

e situado da moral sartreana. Podemos vislumbrar que o fato de não existirem valores morais objetivos não implica na gratuidade de escolha, pois somos seres-no-mundo, estamos livres e situados, então precisamos decidir e agir ao longo da existência. Ninguém poderia dizer que a ação do jovem estudante era uma escolha ou uma ação gratuita, por mero capricho, dado que ele estava engajado naquela situação concreta e precisava reagir a ela.

A segunda acusação consiste na ideia de que, a partir do existencialismo, seria impossível estabelecer juízos de valor, o que implicaria em um relativismo. Sartre pondera que esta acusação, sob certo ponto de vista, pode ser considerada falsa, enquanto por outro ponto de vista pode ser considerada verdadeira. É verdadeira nos seguintes sentidos: todo projeto em que o ser humano se engaje, de forma sincera e lúcida, não é passível de julgamento, no aspecto de que o existencialismo não acredita na ideia de “progresso”, no sentido de que não há um ideal *a priori* de humano ou de humanidade. O homem, para Sartre, permanece sempre na mesma condição, ou seja, precisa conviver com os outros, se alimentar, ser mortal, etc. O problema moral é o mesmo em todos os tempos, no fundo, trata-se da busca por uma resposta satisfatória e possível para os problemas da convivência, em que somente as situações é que são variadas.¹⁸ Por outro lado, essa alegação é falsa na medida em que é possível estabelecer juízos de valor e juízos lógicos.

Todavia, podemos julgar, pois, como já disse, cada um escolhe perante os outros e se escolhe perante os outros. Para começar, podemos considerar (e isso talvez não seja um juízo de valor, mas é um juízo lógico) que algumas escolhas estão fundamentadas no erro e outras na verdade. Podemos julgar um homem dizendo que ele tem má fé. Tendo definido a situação do homem como uma escolha livre, sem desculpas e sem auxílio, consideramos que todo homem que se refugia por trás da desculpa de suas paixões, todo homem que inventa um determinismo, é um homem de má fé. É possível objetar o seguinte: por que razão ele não poderia escolher-se como um homem de má fé? E eu respondo que não tenho que julgá-lo moralmente, mas defino a sua má fé como um erro. Não podemos escapar, aqui, a um juízo de verdade. A má fé é, evidentemente, uma mentira, pois dissimula a total liberdade do engajamento (SARTRE, 1970, p.14).

teria ele podido decidir, com toda a tranqüilidade de espírito, abandonar sua mãe ou permanecer junto dela? Não existem meios para julgar. O conteúdo é sempre concreto e, por conseguinte, imprevisível; há sempre invenção. A única coisa que importa é saber se a invenção que se faz se faz em nome da liberdade” (SARTRE, 1970, p.15).

¹⁸ “nós não acreditamos no progresso; o progresso é uma melhoria; o homem permanece o mesmo perante situações diversas, e a escolha é sempre uma escolha numa situação determinada. O problema moral não mudou desde a época em que era possível escolher entre os escravagistas e os não-escravagistas, na altura da Guerra de Secessão, por exemplo, até ao momento presente em que podemos optar pelo M.R.P ou pelos comunistas” (SARTRE, 1970, p.14).

A moral existencialista se baseia e fundamenta unicamente na liberdade, razão pela qual Sartre argumenta que ele poderia estabelecer juízos lógicos acerca das ações e de seus motivos, dividindo-os em verdadeiros e falsos. Considerando que os indivíduos são liberdade, Sartre tenta estabelecer o reino humano como um conjunto de valores distinto do reino animal. No *cogito*, o indivíduo não descobre só a si mesmo, mas também aos outros. O filósofo argumenta que, a partir do momento em que se concebe a liberdade como o fundamento de todos os valores e que entendemos a universalidade humana de condição, o conjunto de limites *a priori* e a situação fundamental do homem no universo, o indivíduo se colocará ao nível de um engajamento livre. Assim, ele poderá julgar todos os atos praticados contra a liberdade a partir de uma ótica autêntica (que concebe a existência como anterior a essência e assume a responsabilidade por seus atos no mundo) como passíveis de julgamento.¹⁹ Por exemplo: Sartre poderia julgar um homem machista, se este tentasse limitar a autonomia e a liberdade de sua esposa com desculpas fundamentalistas do tipo, “isso não é coisa para mulher”. Cabe ressaltar que a liberdade sartreana é sempre situada no modo como o indivíduo é com os outros no mundo.

O primeiro passo do existencialismo é o de submeter o indivíduo a responsabilidade total de sua existência, o que vai de encontro a tese de que o indivíduo pode fazer qualquer coisa. Portanto, podemos verificar que, para Sartre, essa acusação é simultaneamente verdadeira e falsa.

A terceira acusação consiste no argumento de que, no fundo, para o existencialismo, os valores não têm seriedade. Sartre pondera que existe um discurso em que toda teoria que não se ampara na tradição é considerada romantismo. Muitos consideraram a ideia da inexistência dos valores morais objetivos como extremamente perniciosa e que, por isso, suprimindo a ideia de Deus, não se desconsidera a ideia de natureza humana, já que isso serviria como esteio fundamental para vivência em sociedade. Contudo, Sartre aponta que já que não existe um Deus, assim como não existe uma natureza humana. Para o autor, é preciso que os valores sejam inventados, no entanto, essa invenção não deve ocorrer por mero capricho. Trata-se de uma

¹⁹ “Aqueles que dissimulem perante si mesmos a sua total liberdade, com exigências da seriedade ou com desculpas deterministas, eu os chamarei de covardes; os outros, que tentarem demonstrar que sua existência era necessária, quando ela é a própria contingência do aparecimento do homem sobre a terra, eu os chamarei de canalhas. Porém, covardes ou canalhas, só podem ser julgados ao nível de uma rigorosa autenticidade (SARTRE, 1970, p.15).

invenção necessária, se considerarmos a condição humana e a nossa situação fundamental na terra.

O que Sartre procura ilustrar é que a vida humana, e tudo que ela acarreta, é responsabilidade do humano, e não de Deus, das estrelas ou do determinismo. É possível que se crie uma comunidade humana, que se estabeleça o reino humano com valores distintos dos do reino material. Sartre leva a sério essas ponderações e lutou até o fim de sua vida pela liberdade, não só a sua, mas a de todos.

Nosso autor termina sua conferência estabelecendo a diferença entre dois humanismos: o primeiro, do qual não compactua, é aquele que toma o homem como meta e valor superior, em que o homem pode se gabar pelas ações de grandes seres humanos simplesmente por ser da mesma espécie, concepção que expressa um humanismo fechado em si mesmo, proposto por Comte²⁰ e na narrativa de Cocteau: *A volta ao mundo em 80 horas*.

O humanismo existencialista, por sua vez, defende que não existe outro universo além do humano, considerado o universo intersubjetivo, que deriva da subjetividade e não está fechada em si mesma. É considerado um humanismo porque não existe outro legislador além do humano. Além disso, é no próprio desamparo que o homem precisará decidir, voltando-se para uma metáfora de si, uma libertação ou mesmo por determinada realização particular que o homem se realizará precisamente como humano. Como bem adverte Sartre (1970, p.14):

se alguma vez o homem reconhecer que está estabelecendo valores, em seu desamparo, ele não poderá mais desejar outra coisa a não ser a liberdade como fundamento de todos os valores. Isso não significa que ele a deseje abstratamente. Mas, simplesmente, que os atos dos homens de boa fé possuem como derradeiro significado a procura da liberdade enquanto tal. Um homem que adere a um sindicato comunista ou revolucionário quer alcançar objetivos concretos; tais objetivos implicam uma vontade abstrata de liberdade; porém, essa liberdade é desejada em função de uma situação concreta. Queremos a liberdade através de cada circunstância particular. E, querendo a liberdade, descobrimos que ela depende integralmente da liberdade dos outros, e que a liberdade dos outros depende da nossa.

Portanto, o humanismo proposto por Sartre é permanentemente aberto, está sempre em processo e abre perspectivas de mudança ao mesmo tempo em que convida o ser humano a assumir sua liberdade e sua responsabilidade na existência, não somente por si, mas também pelos outros. Por mais que Sartre não acredite em

²⁰ “não devemos acreditar que existe uma humanidade à qual possamos nos devotar, tal como fez Auguste Comte. O culto da humanidade conduz a um humanismo fechado sobre si mesmo, como o de Comte, e, temos de admiti-lo, ao fascismo. Este é um humanismo que recusamos.” (SARTRE, 1970, p, 17).

fundamentalismos, a construção de valores em prol da liberdade humana é, para ele, de extrema seriedade.

4 CONCLUSÃO

A doutrina sartreana foi acusada, pelos comunistas, de defender a ignominia humana, destacar o sórdido, deixar as pessoas em situação de desespero e enaltecer o duvidoso. Pelo lado cristão, foi acusada de negar os mandamentos e, com isso, negar a seriedade dos empreendimentos humanos, de modo que cada indivíduo poderia fazer o que quisesse e seria impossível julgar os atos alheios. A partir disso, o existencialismo foi acusado de ser uma doutrina essencialmente pessimista. Vimos, ao longo do texto, com base na análise do livro *O existencialismo é um humanismo*, a defesa que Sartre faz contra essas acusações. Nosso autor defende e fundamenta um novo humanismo que não acredita no conceito de natureza humana, sequer possui ideais pré-estabelecidos, mas que, por outro lado, aponta o conceito de condição humana, de mundo intersubjetivo e de nossa situação fundamental neste universo. Sartre salienta que a responsabilidade acerca da vida humana é, exclusivamente, *nossa*. E que, a partir de sua doutrina, haveria margem de ação para o humano.

Fundamentado em sua liberdade, cada qual é responsável por seus atos e pelo projeto que é construído durante a existência. O conceito de mundo intersubjetivo e de liberdade situada destaca a ética implícita no pensamento sartreano, o que deixa claro ao estabelecer o primeiro princípio e o primeiro passo do existencialismo que são, respectivamente: o homem nada mais é do que aquilo que faz de si mesmo e o de pôr todo homem na posse do que ele é e de submetê-lo a total responsabilidade de sua existência.

A intersubjetividade vem para nos resgatar do solipsismo, e a liberdade situada nos apresenta a condição fundamental de cada um sobre o planeta, advertindo sobre o romantismo dos ideais de progresso fundamentados em outros conceitos, que não sejam a liberdade fundamental. Estamos situados e condenados a ser livres no sentido de que cada qual precisará enfrentar dilemas no decorrer de sua existência em todos os aspectos: romântico, financeiro, profissional, pessoal, social, etc., de modo que cada indivíduo será responsável por si e pelo fruto de seus atos no mundo intersubjetivo. Concluímos, portanto, que a margem de ação aberta pelo humanismo existencialista faz do existencialismo uma doutrina essencialmente otimista.

REFERÊNCIAS

MENDONÇA, M. Existência, liberdade e possibilidade: considerações sobre a crítica ao determinismo em Sartre. **Aoristo - International Journal of Phenomenology, Hermeneutics and Metaphysics**, [S. l.], v. 1, n. 2, 2017. Acesso em: 27 out. 2022.

MOOR, R. A liberdade como fundamento da moral em Jean-Paul Sartre. **FRONTISTÉS**, v. 3, n. 4, 2009. Disponível em: <<https://revistas-old.fapas.edu.br/index.php/frontistes/article/viewFile/110/116>>. Acesso em: 24 out. 2022.

MORAIS, W. A importância da escolha: liberdade e responsabilidade em Sartre. **THEORIA**, v. 4, n. 10, 2012. Disponível em: <<https://docplayer.com.br/19842244-A-importancia-da-escolha-liberdade-e-responsabilidade-em-sartre.html>>. Acesso em: 20 out. 2022.

NORBERTO, M. **PUC RIO** - Consciência em Sartre. 2007. https://www.puc-rio.br/ensinopesq/ccpg/pibic/relatorio_resumo2007/relatorios/fil/fil_marcel_da_silva_n_orberto.pdf. Acesso em: 24 jun. 2022.

RAMOS, N. A náusea e as ideias de O existencialismo é um humanismo: uma leitura crítica. **Ekstasis: revista de hermenêutica e fenomenologia**, v. 7, n. 2, pp. 7-28, 2018. Disponível em: <<https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/Ekstasis/article/view/38287/29933>>. Acesso em: 03 jul. 2022.

RIBEIRO, J. O existencialismo é um humanismo? Sobre a questão da ética e da liberdade em Sartre. **UNIJUÍ**, v. 6, n. 6, 2020. Disponível em: <<https://publicacoeseventos.unijui.edu.br/index.php/salaoconhecimento/article/view/18081>>. Acesso em: 27 out. 2022.

SARTRE, Jean-Paul. **O existencialismo é um humanismo**. L'Existentialisme est un Humanisme, Les éditions Nagel, Paris, 1970.

SARTRE, Jean-Paul. **A náusea**. Rio de Janeiro: Ed. Nova Fronteira, 1986.

PENHA, J. **O que é o existencialismo?** São Paulo: Brasiliense, 1982.

MOUTINHO, L. **Seis filósofos na sala de aula – Sartre**: a liberdade sem desculpas. São Paulo: Berlendis, 2010.

LIMA, L. A concepção de liberdade em Sartre. UFRN Disponível em: <https://www.academia.edu/34403336/A_concep%C3%A7%C3%A3o_de_liberdade_em_Sartre>. Acesso em: 19 out. 2022.

SILVA, A. A concepção de liberdade em Sartre. **Revista Filogenese**, v. 6, n. 1, pp. 93-107, 2013. Disponível em: <<https://www.marilia.unesp.br/Home/RevistasEletronicas/FILOGENESE/alinesilva.pdf>>. Acesso em: 02 jul. 2022.

SILVA, F. L. Conhecimento e identidade histórica em Sartre. **Trans/Form/Ação**, v. 26, n. 2, p. 43-64, 2003. Disponível em: <https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0101-31732003000200002&script=sci_abstract&tlng=pt>. Acesso em: 17 jun. 2022.

SILVA, F. L. Para compreensão da história em Sartre. **Tempo de Ciência**, v. 11, n. 22, p. 25-37, 2004. Disponível em: <<http://e-revista.unioeste.br/index.php/tempodaciencia/article/view/147/91>>. Acesso em: 17 jun. 2022.

VALEJJOS, M. A. Sobre Kierkegaard y el Existencialismo. **UNL**, 1975. Disponível em: https://bibliotecavirtual.unl.edu.ar:8443/bitstream/handle/11185/4863/RU083_04_A001.pdf?sequence=1&isAllowed=y. Acesso em: 17 out. 2022.